

SONETO AINDA QUE NÃO

Annie Gisele Fernandes*

“Soneto ainda que não”, de Jorge de Sena, foi escrito no Brasil em 9 de setembro de 1959, pouco depois de aqui ter chegado em seu exílio voluntário. Publicado em *Peregrinatio ad loca infecta* (1969), esse poema é composto por 14 versos organizados em uma estrofe com 8, uma estrofe com 4 e uma estrofe com 2, o que, considerado em perspectiva com o título, pode levar o leitor a dedicar atenção à hipótese de a peça ser um *soneto ainda que não* pareça. Nesse sentido, algumas reflexões se apresentam, como o fato de Camões, Bocage, Antero serem, sabidamente, os maiores sonetistas portugueses e/ou o fato de, na esteira das renovações da lírica moderna, Cesário, Nobre, Pessanha constarem como nomes que reelaboram as formas clássicas do soneto italiano, seja quanto ao ritmo, seja quanto à estrutura de tese-antítese-síntese, seja quanto ao prosaísmo dos temas. Em todos eles, porém, o soneto mantém-se na sua estrutura clássica de 2 quartetos e 2 tercetos e tem esquema rímico tradicional.

Pensar o “Soneto ainda que não” a partir do modelo estrutural petrarquiano e contra o pano de fundo dos poetas citados dá ao leitor o argumento para não lê-lo como um soneto, pois o esquema estrófico 8-4-2 está mais distante da invariável organização estrófica 4-4-3-3 daquele tipo de composição. Em contrapartida, o arranjo de estrofes no poema seniano parece mais próximo das possibilidades do soneto inglês: 12 versos em estrofe única seguida de um dístico ou 3 quadras independentes e rimadas seguidas de 1 dístico, sobretudo porque a sua estância final é um dístico conclusivo, nos moldes do *couplet* no soneto shakespeariano. Assim, ainda que muito pouco se veja do soneto inglês em Portugal e no Brasil e embora muitos tratados de versificação sequer o mencionem, não parece absurdo sugerir que Jorge de Sena transforma, aqui, o modelo consuetudinário de soneto inglês

ao compor “Soneto ainda que não” com arrumação estrófica diferenciada, com versos decassílabos de acentuação variável (exceto o v. 1, dodecassílabo) e com algumas rimas imperfeitas / toantes (“*insinuo*” / “*ininterrupto*”; “*sentido*” / “*firme*” / “*vivo*”).

Do ponto de vista argumentativo, Sena segue à risca o padrão tese-antítese-síntese (em geral, mais frequente que tese-síntese): o argumento é dado nos versos 1 a 8, aos quais se contrapõe a estrofe seguinte, que principia com a clássica adversativa “mas”, seguida da conclusão. Veja-se: nos versos 1 a 8, o sujeito poético se dá a ver ao leitor a partir de sua relação com as coisas. Ele se insinua às coisas e, através do “infinito amor”, dá sentido a elas (v. 1 e 2). Nesse processo, destaca-se que a definição das coisas e do eu se evidencia somente quando o sujeito poético se reconhece ontologicamente e, assim, reconhece as coisas (v. 3 e 4). Se no verso 4 está reiterada a essência do ser e o processo em andamento de constituir-se (“de *ser* um *ser* que *sendo* as reconhece”), nos versos 5 e 7 o sujeito poético se mostra na condição de “*estar ininterrupto*”: “me vejo ambíguo e distraído e firme”, humanizando as coisas. É de notar a engenhosidade de Sena, que emprega o vocábulo “ser” como substantivo, como verbo na forma do infinitivo e como verbo na forma do gerúndio e o usa na sua variante ser X estar para marcar o que diz respeito ao caráter ontológico e o que anuncia a condição temporária, ainda que ininterrupta. Vê-se, desse modo, o tensionamento expresso no “ambíguo” ser/estar e na dupla “distraído e firme”. É de notar, ainda, a engenhosidade de Sena no modo como esses adjetivos aparecem no verso, sempre intercalados pela coordenada aditiva “e”, o que faz com que cada adjetivo se sobreponha ao anterior, de modo que o que prevalece nessa sequência é o estar firme, “aliciando humanamente as coisas.” (v. 8).

Dada a tese, o verso 9 expõe a antítese. O interlocutor evocado (“meu amor”) e intimamente referido (“Ti” aparece 3 vezes nos v. 9 e 10) é, de fato, o que move o eu, o que o faz contemplar as coisas e o que dá realidade a elas. Sem a pessoa amada, estar no mundo, relacionar-se com as coisas, é

algo “fortuito”. Com a pessoa amada e somente por ela, o sujeito poético contempla as coisas, penetra na realidade. Daí a síntese expressa numa sequência de enálages: “Se noutro mundo fora que existisses, / eu te criara neste e às minhas coisas.”. Se o “Soneto ainda que não” tematiza o amor, como que herdeiro da tradição, o faz pelo viés da modernidade, pois apenas a tríade amador-amada-realidade das coisas dá sentido a tudo, inclusive à criação poética.

* Professora Associada da FFLCH da Universidade de São Paulo. Livre-Docente (2018) em Literatura Portuguesa pela USP, tem 3 Pós-Doutorados (USP / 2002-2003; Universidade Nova de Lisboa / 2008; Universidade de Lisboa / 2013), sendo os dois últimos apoiados pela FAPESP. É líder do Grupo de Pesquisa “Poéticas e Escritas da Modernidade (poem)” e coordena o Laboratório de Estudos de Poéticas e Ética na Modernidade (LEPEM). Mantém publicação regular, no Brasil e no exterior, em revistas e periódicos da área, em dicionário e em livros.